

ORGULHO

Orientações iniciais para o líder:

Oração de Abertura:

- Separe sua Célula em microgrupos de até 3 pessoas e orem em agradecimento e louvor a Deus, confessando erros e pecados e intercedendo por 3 amigos que não conhecem Jesus.
- Os visitantes podem acompanhar os participantes que os convidaram, ou, se forem indicações da igreja, podem participar em qualquer microgrupo.

INTRODUÇÃO

“Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes.”

Tiago 4:6

Poucas figuras da Bíblia nos causam tanta repulsa quanto o fariseu que orou: “Ó Deus, graças te dou porque não sou como os outros homens, ladrões, injustos, adúlteros, nem mesmo como este publicano” (Lc 18:11). Rimo-nos dele, julgamo-lo com facilidade, sentimo-nos incomodados com a sua hipocrisia. Mas a ironia é que, ao condená-lo, muitas vezes fazemos exactamente o mesmo, sem perceber. Basta reparar em quantas vezes, no fundo do coração, já pensámos algo parecido com “graças a Deus eu não sou como fulano”.

O orgulho é, provavelmente, o pecado mais difícil de detectar em nós mesmos, precisamente porque a sua natureza é essa: cega-nos para os nossos próprios defeitos, ao mesmo tempo que afia a nossa visão para os defeitos alheios. Vemo-lo com clareza no vizinho, no colega, no irmão da igreja, mas raramente conseguimos vê-lo em nós.

Ele também não aparece apenas como arrogância óbvia ou prepotência descarada. Muitas vezes disfarça-se de formas bem mais subtis e “aceitáveis”: no sentimento de sermos moralmente melhores que os outros, na certeza inabalável de que a nossa forma de pensar é a única correcta, no orgulho silencioso das nossas conquistas e das dos nossos filhos, e na resistência a receber correcção de quem Deus colocou em autoridade sobre nós. Hoje vamos examinar, com cuidado e em oração, quatro dessas formas.

1. O ORGULHO DO MORALISMO

“Contou Jesus esta parábola a alguns que confiavam em si mesmos, julgando-se justos, e desprezavam os outros.”

Lucas 18:9

Vivemos rodeados de pecados evidentes na sociedade: imoralidade, desonestidade, vícios, injustiças, divórcio, corrupção. São pecados reais e graves, que de facto destroem vidas, famílias e comunidades, e é correcto que a igreja se posicione contra eles. O problema não está em reconhecer que essas coisas são erradas, mas na atitude do nosso coração diante de quem as pratica.

Por não cometermos esses pecados mais visíveis, é fácil sentirmo-nos moralmente superiores e olhar para quem os comete com desdém, como se fôssemos feitos de material diferente. Esse é o pecado do moralismo: o sentimento de superioridade moral em relação aos outros. É, talvez, um dos pecados mais comuns entre cristãos fiéis e comprometidos, precisamente porque raramente é reconhecido como pecado, disfarçando-se de zelo pela verdade ou de “discernimento espiritual”.

A cura para isso não é fingir que os pecados graves da sociedade não são sérios, nem deixar de os chamar pelo nome. A cura é lembrar, com humildade genuína, que se hoje vivemos de forma correcta, isso é unicamente fruto da graça de Deus sobre nós, e não mérito próprio. Como Davi confessou: “Eu nasci em pecado, sim, desde que minha mãe me concebeu” (Salmo 51:5). Ninguém é naturalmente bom, e ninguém está imune, por natureza própria, aos pecados que tanto condenamos nos outros. Se estamos livres de certos pecados, é porque a graça de Deus nos guardou ou nos resgatou deles, não porque somos intrinsecamente melhores.

Uma forma prática de nos protegermos do orgulho moral é identificarmo-nos, diante de Deus, com a condição pecaminosa de toda a sociedade em que vivemos, tal como fez Esdras ao orar: “Meu Deus, estou confuso e envergonhado para levantar o rosto a ti, porque os nossos pecados se multiplicaram” (Esdras 9:6). Repara que ele diz “nossos pecados”, incluindo-se na culpa colectiva, mesmo sendo um homem justo e exemplar.

- Já reparaste em ti algum sentimento de superioridade moral em relação a alguém que vive de forma diferente da tua?
- Consegues, como Esdras, identificar-te com os pecados da sociedade à tua volta, em vez de olhar para eles de fora, com desdém?
- Como podes trocar esse sentimento de superioridade por gratidão pela graça de Deus na tua vida?

2. O ORGULHO DA DOUTRINA CORRECTA

“O conhecimento incha de orgulho, mas o amor edifica.”

1 Coríntios 8:1

Ter convicções bíblicas firmes é bom e necessário. Deus quer que conheçamos a Sua Palavra com profundidade e que defendamos a verdade. O problema surge quando passamos a olhar com desprezo, altivez ou impaciência para quem não pensa exactamente como nós em determinadas questões teológicas, denominacionais ou de interpretação bíblica, como se a nossa opinião fosse automaticamente a única correcta e quem discorda fosse “menos espiritual” ou “menos comprometido com a verdade”.

Este orgulho pode manifestar-se em duas direcções opostas: por um lado, há quem se orgulhe do seu conhecimento doutrinário e trate com desdém quem não tem o mesmo domínio teológico; por outro, há também quem se orgulhe de menosprezar a própria doutrina, tratando com desdém quem se preocupa em aprofundar-se nela. Em ambos os casos, o coração está a dizer a mesma coisa: “a minha posição é que está certa, e sinto-me superior a quem pensa diferente.”

Paulo repreendeu os coríntios exactamente por isso. Eles tinham um conhecimento correto sobre a liberdade cristã em relação aos alimentos, mas esse conhecimento os tinha tornado arrogantes para com irmãos de consciência mais fracos. Paulo não discordou da doutrina deles, mas condenou a atitude do coração por trás dela.

Podemos e devemos defender aquilo que cremos, com firmeza e convicção. Mas isso deve ser feito com humildade, reconhecendo que muitas pessoas sinceras, capazes e igualmente comprometidas com a Palavra de Deus podem chegar a entendimentos diferentes em pontos que não são centrais à fé. Defender a verdade com arrogância é, na prática, contradizer a própria verdade que dizemos defender.

- Já trataste alguém com desdém, impaciência ou superioridade por pensar diferente de ti em algum assunto bíblico, teológico ou da vida da igreja?
- Como podes defender as tuas convicções com a mesma firmeza, mas sem cair na arrogância?

3. O ORGULHO DAS REALIZAÇÕES

“Pois, quem é que faz de ti diferente dos outros? E que tens tu que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te vanglorias, como se não o houveras recebido?”

1 Coríntios 4:7

É verdade que a Bíblia liga o esforço ao sucesso: “o desejo do diligente será satisfeito” (Provérbios 13:4), e Paulo exortava Timóteo a esforçar-se para ser aprovado diante de Deus. O trabalho árduo importa, e Deus honra a diligência. Mas o sucesso final, seja nos estudos, no trabalho, no ministério ou nas conquistas dos filhos, depende, em última instância, da soberania de Deus. É Ele quem dá a capacidade intelectual, as oportunidades, a saúde e até o próprio desejo de progredir. Como diz a Escritura, “o Senhor empobrece e enriquece; ele abate e também exalta” (1 Samuel 2:7).

Quando esquecemos isso, caímos no orgulho das realizações, que pode aparecer de formas bem diferentes. Às vezes é óbvio: a pessoa que se gaba constantemente do seu sucesso, do seu negócio, das notas dos filhos, como se tudo fosse fruto exclusivo do próprio esforço, sem qualquer menção à graça de Deus por trás disso. Outras vezes é mais sutil: o desconforto e a irritação interior quando fazemos um bom trabalho e ninguém o reconhece, ou o desejo constante de sermos elogiados e validados por aquilo que fazemos na igreja ou no trabalho.

Jesus ensinou que, mesmo depois de cumprirmos bem uma tarefa, a nossa postura deveria ser de humildade: “somos servos inúteis; fizemos apenas o que devíamos fazer” (Lucas 17:10). E, ainda que ninguém nos reconheça neste mundo, podemos descansar sabendo que todo o reconhecimento verdadeiro, no fim, vem de Deus, e é Ele quem exalta quem Lhe agrada, no tempo certo Dele.

- De que forma tens atribuído a ti mesmo, ou aos teus esforços, conquistas que, na verdade, vieram de Deus?
- Como reages, no teu coração, quando fazes algo bem, num serviço na igreja ou no trabalho, e ninguém reconhece?
- Como podes cultivar mais gratidão a Deus e menos necessidade de reconhecimento humano?

4. O ORGULHO DO ESPÍRITO INDEPENDENTE

“Obedecei a vossos guias, e sede-lhes submissos; porque velam por vossas almas, como quem há de dar conta delas.”

Hebreus 13:17

Este tipo de orgulho manifesta-se essencialmente de duas formas: resistência à autoridade espiritual e uma atitude insubmissa diante de correcção. É comum, especialmente entre os mais jovens ou inexperientes na fé, sentirmos que sabemos mais do que aqueles que Deus colocou para nos orientar, sejam pais, líderes de célula, pastores ou irmãos mais maduros espiritualmente. Frequentemente nem percebemos

isso em nós mesmos, mas revela-se em pequenas atitudes: a resposta rápida de “eu tenho uma opinião diferente” a um ensino, sem sequer considerar seriamente o que está a ser dito; a dificuldade em aceitar uma correcção sem ficarmos na defensiva; a tendência de questionar decisões de liderança em silêncio, ou pelas costas, em vez de dialogar com humildade.

A Bíblia é bastante clara quanto ao valor de um espírito ensinável e submisso. O livro de Provérbios está cheio de apelos para que ouçamos com humildade a instrução dos mais experientes: “Meu filho, se aceitares as minhas palavras e guardares contigo os meus mandamentos... inclina o teu ouvido à sabedoria” (Provérbios 2:1-2). Isto não significa que quem está em autoridade tem o direito de decidir tudo por nós, como se fôssemos incapazes de pensar. Significa, sim, estarmos dispostos a ouvir, a aprender e a receber correcção com um coração ensinável, em vez de assumirmos, por padrão, que a nossa opinião já é suficiente e que não precisamos do conselho de ninguém.

A submissão bíblica é, no fundo, um acto de humildade e de confiança em que Deus usa pessoas para nos ajudar a crescer, tal como usou pais, professores e mentores ao longo da nossa vida. Resistir a isso, insistindo em fazer tudo à nossa maneira, é uma forma de orgulho que muitas vezes nem reconhecemos como tal, porque a chamamos de “independência” ou “personalidade forte”.

- Como tens reagido, nos últimos tempos, quando és corrigido por alguém em posição de autoridade espiritual na tua vida (pastor, líder de célula, pais)?
- Há alguma área em que tens resistido a conselhos ou orientação, confiando apenas na tua própria opinião?
- O que significaria, na prática, cultivares um espírito mais ensinável esta semana?

5. O ORGULHO DA AUTOSSUFICIÊNCIA: A QUEDA DO REI UZIAS

“O orgulho vem antes da destruição; o espírito altivo, antes da queda.”

Provérbios 16:18

A Bíblia conta a história do rei Uzias (2 Crônicas 26), coroado ainda muito jovem, aos 16 anos. No início do seu reinado, ele buscou a Deus com humildade, sob a orientação do profeta Zacarias, e “enquanto buscou o Senhor, Deus o fez prosperar” (2Cr 26:4-5). Fortaleceu a nação, expandiu territórios, formou um exército poderoso. Tudo corria bem, e Deus estava com ele em tudo o que fazia.

Mas há uma virada trágica na história: “depois que Uzias se tornou poderoso, o seu orgulho provocou a sua queda” (2Cr 26:16). Já forte, próspero e admirado por todos, ele decidiu entrar no templo para queimar incenso, uma função reservada exclusivamente

aos sacerdotes, descendentes de Arão, conforme a própria lei do Senhor (cf. Êxodo 30:7-8; Números 16:40). Mesmo sendo rei, Uzias não tinha autoridade espiritual para exercer aquela função. Quando 80 sacerdotes corajosos o confrontaram com respeito, avisando-o de que não lhe era permitido fazer aquilo, Uzias não se arrependeu, indignou-se contra eles. Naquele mesmo instante, surgiu lepra em sua testa, e ele viveu isolado, excluído do templo e da própria família, até ao dia da sua morte.

Aqui está um ponto que precisa de ser dito com clareza: no Reino de Deus, ninguém é melhor do que ninguém, somos todos iguais diante do Senhor. Mas isso não significa que todos exercemos as mesmas funções. Deus estabeleceu ofícios, chamados e funções específicas dentro do Seu corpo, e precisamos de ter cuidado para não ultrapassar os limites que Ele determinou, tentando exercer aquilo que não nos foi confiado. Uzias não era menos importante por não poder queimar incenso, era rei! Mas havia uma função que simplesmente não lhe pertencia, por mais capaz, poderoso ou bem-intencionado que ele fosse.

Há casos em que encontramos, dentro da igreja, situações semelhantes: um obreiro a querer exercer funções próprias do ofício pastoral, tomando decisões, direccionando a igreja ou aconselhando em áreas que não lhe foram confiadas. Ou um líder de célula ou de ministério a querer decidir assuntos que cabem à liderança pastoral, ou um membro que, com boas intenções, tenta assumir responsabilidades de liderança sem ter sido chamado ou reconhecido para isso. Em cada um destes casos, a questão não é necessariamente a capacidade da pessoa, muitas vezes ela até tem dons genuínos e um coração sincero, mas a disposição do coração em respeitar a ordem que Deus estabeleceu, e a autoridade que Ele colocou na vida da igreja.

Isto não significa ficarmos passivos ou sem visão para crescer no nosso chamado. Significa exercer com excelência, zelo e humildade aquilo que Deus de facto nos confiou, sem invadir o espaço, a autoridade ou a função de outro, e sem sentir que, por termos um dom ou uma capacidade, temos automaticamente o direito de exercer qualquer função na casa de Deus. Como diz a Escritura, “há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo” (1 Coríntios 12:4), e é o próprio Espírito quem distribui a cada um a sua função dentro do corpo.

É também significativo que o que levou Uzias à queda não foi um inimigo externo, mas o inimigo interno da soberba. É fácil pensar que, ao conquistarmos determinadas coisas, ganhamos o direito de fazer tudo o que quisermos, inclusive ultrapassar funções que não são nossas. Precisamos vigiar constantemente esse tipo de pensamento, especialmente quando estamos a crescer, a prosperar ou a ser reconhecidos por outros, porque é exactamente nesse momento que o coração fica mais vulnerável à exaltação própria.

Vemos um padrão semelhante em Pedro, que, mesmo depois de três anos ao lado de Jesus, confiou demais na sua própria firmeza e afirmou que jamais negaria o Mestre. Jesus já o tinha alertado sobre esse risco (Lucas 22:31-34), mas Pedro, confiante em si mesmo, acabou por negar Jesus três vezes naquela mesma noite. Quem confia excessivamente em si mesmo tende a tornar-se convencido, e dificilmente busca conselho ou a direcção de Deus e dos líderes que Ele colocou sobre a sua vida.

- Uzias começou muito bem, mas terminou isolado por causa do orgulho. O que achas que é mais difícil na tua vida: começar bem com Deus, ou continuar e terminar bem?
- Consegues identificar situações, mesmo fora deste contexto específico, em que alguém tentou exercer uma função ou autoridade que Deus não lhe tinha confiado?
- Como reages quando és corrigido ou lembrado dos limites da tua função: com indignação, como Uzias, ou com um coração disposto a submeter-te?
- Há alguma função ou responsabilidade que desejavas exercer hoje sem ainda teres sido chamado ou reconhecido para isso? Como podes tratar esse desejo com paciência e submissão a Deus?

CONCLUSÃO

“Mas darei atenção a este: ao humilde e contrito de espírito, que treme diante da minha palavra.”

Isaías 66:2

O orgulho é traiçoeiro precisamente porque conseguimos vê-lo com clareza nos outros, mas raramente em nós mesmos. Como vimos na história de Uzias, ele muitas vezes não aparece na fraqueza, mas exactamente no auge do sucesso, quando menos esperamos. Talvez, ao longo deste estudo, tenhas pensado em alguém que se encaixa perfeitamente numa destas cinco áreas: o moralista, o teólogo arrogante, o que se gaba das suas conquistas, o insubmisso, ou o autossuficiente. Mas o convite de hoje não é para apontar o dedo a essa pessoa. É para pedirmos a Deus, em oração sincera e pessoal, que nos revele o orgulho que existe em nós, ainda que escondido debaixo de “boas razões”, de convicções legítimas, ou até do nosso próprio sucesso.

A boa notícia é que Deus não se afasta de quem se humilha diante Dele. Pelo contrário, promete dar-lhe atenção, graça e proximidade. Que hoje seja um dia de confissão sincera e de renovação de um coração humilde diante do Senhor.

TPC DA SEMANA:

Esta semana, escolhe uma das cinco áreas discutidas (moralismo, doutrina, realizações, espírito independente ou autossuficiência) que mais te tocou, e leva-a a Deus em oração

diária, pedindo que Ele te mostre com clareza onde o orgulho tem estado escondido na tua vida, e te dê um coração verdadeiramente humilde e contrito.